Fabio Clauz Morlina

Saci

Entre mitos e lendas

1ª edição

São Paulo
Edição do Autor
2018

Saci: entre mitos e lendas

Morlina, Fabio Clauz

Ilustrações: Apolinário, Letícia da Silva

Revisão: Sá, Fábia Tavares de

M864s Morlina, Fabio Clauz, 1972 -
Saci: entre mitos e lendas; p. 108;
Edição do Autor: 1ª edição; 2018.
1. Literatura brasileira, 2. Ficção, I. Título

ISBN 978-85-455181-0-5

CDD B869.3

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-455181-0-5
9 788545 518105

A minha esposa e meus filhos.

NASCEM AS LENDAS 7

RECONHECIMENTO 16

O SEGREDO ALIENÍGENA 33

O SONHO SE REALIZA 51

ENTRE MITOS E LENDAS 79

DEUSES E LENDAS 105

NASCEM AS LENDAS

Palmares, 1694

Em Palmares, no alto de uma colina, Sarahani Citiwala estava deitado sobre a terra com a cabeça apoiada em uma pedra, observando as estrelas e a lua e para obter conclusões sobre os próximos acontecimentos.

Mas, neste dia, as estrelas davam sinais diferentes e a lua estava muito distante. Ele não conseguia identificar que sinais eram estes.

Sarahani nasceu no próprio Mocambo, a família de seu pai era originária de Malawi e a da sua mãe próxima ao Quênia. Também gostavam de chamá-lo de Saci, devido às iniciais de seu nome. Forte e alto, o jovem Saci gostava muito de dançar em forma de rodopios, atraindo todos com a sua habilidade.

Habilidoso também nas lutas de resistência contra os portugueses, criava várias armadilhas e táticas de defesa, evitando que chegassem perto do Mocambo.

Assim, tinha total confiança de Zumbi, pois era seu braço direito na defesa do Mocambo e seu grande amigo.

Mas, afinal, que sinais eram aqueles da lua e das estrelas? O que elas queriam dizer? Saci decidiu ficar a noite toda por lá. Sentou-se e olhou lá embaixo o Mocambo, tão grande, tão lindo, todos unidos. Porém, o que era sinal de paz já tinha acabado, pois as investidas portuguesas se acentuavam.

Estava tudo silencioso, não se ouvia ninguém tocando tambor, nenhum animal emitindo sons e o vento de repente parou. O silêncio incomodou Saci, que impacientemente começou a andar em círculos. Sabia, que cada vez que os ataques inimigos se intensificavam, ele seria colocado a prova.

Ao amanhecer, Saci chamou Zumbi e seu exército. Falou de sua preocupação com os sinais estranhos que vinham do céu. Mas já era tarde, pois, durante a convocação do exército, havia movimentos de tropas lusas vindas de todos os lados. Era o exército inimigo, com uma quantidade que nunca haviam visto antes. Era Domingos Jorge Velho chegando com mais forças inimigas.

Mesmo com os cercados e ataques surpresas promovidos por Saci, não foi possível deter o exército gigantesco de Jorge Velho.

Saci se sentia culpado, pois não conseguiu interpretar o céu noturno a tempo de defender o mocambo.

A luta foi sangrenta e o Mocambo não resistiu. Os poucos sobreviventes se dispersaram pelas matas.

Saci, fiel a Zumbi, protegeu seu líder para que conseguisse fugir. Mas as tropas eram muitas e somente estavam junto a Zumbi e Saci mais três guerreiros.

Todos resistiram bravamente, criando todas as estratégias possíveis de defesa. Mas as armas de fogo dos portugueses eram mais potentes do que tudo que pudessem imaginar. Os guerreiros pouco a pouco foram caindo pelo chão, atingidos pelas armas inimigas.

Cercado, Saci utilizou a sua última forma de defesa. Indo na direção dos portugueses, começou a duelar corpo a corpo com cada um deles, utilizou todas as habilidades

que possuía para defender Zumbi. Mas Zumbi jamais deixaria seu colega ali sozinho, também partiu para o ataque e assim, conseguiram deter alguns inimigos. Porém, os portugueses estavam chegando com armas mais potentes: os canhões. Os dois começaram a fugir novamente, mas era tarde demais, o disparo de canhão chegou perto de Saci, dilacerando sua perna e ferindo todo o seu corpo. Zumbi tentou erguer o amigo, mas não conseguia:

- Zumbi, Rei Zumbi, você sempre estará em mim... (pôs a mão de Zumbi em seu peito). - Vá, corra, corra o mais rápido que puder. A luta aqui acabou, mas muitos se lembrarão do seu nome e continuarão lutando pela nossa causa... pela nossa libertação.

Zumbi pega o colar que sempre carregou e coloca no pescoço de Saci:

- Este é o símbolo de nossa resistência. Que a deusa Iansã te acolha e sempre que seu espírito voltar para este mundo seja protegido por ela.

Saci então não resiste às feridas e morre. Neste momento, um forte vento surge erguendo uma grossa camada de poeira da terra.

Com lágrimas nos olhos, Zumbi corre rapidamente, como se aquele vento o protegesse e lhe desse novas forças.

O exército inimigo bate em retirada, pois a forte ventania impedia que continuassem atacando.

Próximo a Missão de São Miguel, janeiro de 1756

Rupave desesperado se dirige a esposa e fala:

- Sypave, você precisa chegar rapidamente a missão. Aqui os paulistas conseguirão lhe raptar.

Este desespero do marido de Sypave tinha duas grandes razões. A primeira tem a ver com o território que deixou de ser espanhol após o tratado de Madrid de 1750 e passou para o domínio português. A segunda razão é que Sypave estava grávida e eles temiam perder o filho se ela fosse escravizada durante as bandeiras.

- Sypave, não poderei continuar com você, tenho que encontrar rapidamente os demais guaranis, Sepé Tiaraju está precisando de nossa ajuda e vamos conseguir vencer este ataque feroz ao nosso território. São quatro luas a pé até encontrá-lo... Nosso povo não poderá ser escravizado.

Os dois se abraçam fortemente e, antes de se despedir, ele pega um colar e entrega para Sypave:

- Este colar sempre deu força para nosso povo, eu o ganhei de Sepé. Quando nosso filho nascer, entregue a ele, e a mata sempre irá protegê-lo e se fechar contra os inimigos.

Sypave sabia que o único lugar que poderiam ficar seguros era dentro da missão jesuítica que ficava ali perto. Mesmo mantendo sua fé em Tupã, aceitar a religião dos estrangeiros seria a única solução de sobrevivência. Mudou suas vestes e aceitou o cristianismo.

No dia sete de fevereiro de 1756, a aproximadamente 280 quilômetros dali, Sepé, junto com Rupave e mais mil e quinhentos guaranis estavam